

afluência

raíssa varandas

Va
ran
da

Este arquivo é uma amostra de texto do livro **Afluência**, da autora *Raíssa Varandas*, configurado especialmente para a divulgação da obra.

Para saber mais sobre o livro e sobre a Varanda Editora, visite nosso site e nosso perfil no Instagram:

aquinavaranda.com.br

[instagram.com/aquinavaranda](https://www.instagram.com/aquinavaranda)

nossa língua apunhalada

uma fotografia de Lygia Pape

Eu olho para a mulher no centro da fotografia em preto e branco. A língua dividida por um traço de sangue. Penso no rio que corta o meu corpo. Que corta o seu corpo. Olho para o material viscoso escorrendo pela boca da artista: a tinta preta dos jornais recortados em 1968, das carnes dilaceradas em 1968, das letras apagadas em 1968, e imagino uma mulher que, impedida de falar, morde a língua até rachá-la.

O verbo no título sugere uma agressão externa, decretada pelos mesmos senhores que hoje se sentam à nossa mesa de jantar, cortando em pedaços o bife malpassado enquanto assistem ao noticiário das nove. A faca na mão do açougueiro, o fio cego que se adequa à brutalidade dos gestos. Nas mãos treinadas de um cirurgião, um bisturi riscaria a língua em um único movimento, com a precisão da violência asséptica dos hospitais. Um corte limpo, tal como o dos corpos sem sangue

que ilustram livros de anatomia. Há, no entanto, algo de arcaico em nosso substrato, na ferocidade com que nossos homens nos violam, na excitação maníaca com a qual vislumbram a extensão de seus órgãos em aparatos de guerra: o tanque rasgando a multidão na avenida, a bala penetrando a maciez da carne. Uma longa fila de ódio à fragilidade do corpo. A lâmina pouco amolada se adequa melhor aos seus signos bélicos. É preciso forçá-la contra o músculo, raspando-o até que o tecido se rompa, com a mesma fúria persistente com que nos penetram pela primeira vez até transpassar a membrana.

Prefiro imaginá-la travando os dentes na superfície rosada da língua, adentrando o tecido muscular com a pressão nervosa das mandíbulas, a pensar na força externa apunhalando-a. Um ato de rebeldia que se esconde sob o disfarce da obediência. Perante a ameaça da lâmina, ela se antecipa. Acolhe a imposição do silêncio, não com passividade, mas com a gana de quem conhece a secreta insubordinação daqueles que se calam. Junto ao sangue, engole a fala, redirecionando o caminho para a intimidade dos órgãos, negando acesso ao carrasco. Gesta as palavras na fundura do corpo até que possam extravasar pelos poros, no gesto banal do indicador pressionando o botão da câmera.

A mulher morde a língua com a impetuosidade de Eva ao triturar entre os dentes o símbolo de sua interdição. Sagrada insurreição contra o primeiro crime cometido pelo homem ao roubar para si o direito à palavra. Adão sentou-se sobre a pedra e nomeou: árvore, água, pássaro, mulher. Fez da palavra a expressão mais sutil do ódio primordial: baniu Eva para as margens da terra. No verbete do dicionário, mulher significa expatriada. Exilada original. Com o poder da língua, Adão

marcou no corpo da fêmea um tributo sobre o sangue. Odiou a existência dispendiosa do útero, a máquina ininterrupta até o desprender do último óvulo. Odiou a prodigalidade da natureza ao dissipar sua energia em cores vivas das entranhas para fora. O tom vermelho dos fluidos, aludindo à constante ameaça da mortalidade. Ocultou sua condição terrena por detrás do poder recém-adquirido. Balbuciando palavras com vaidade, sem saber que a linguagem é armadilha. Sem saber que a língua era o fardo que arrastaria pelos séculos, somando ao peso da bagagem cada entulho encontrado no caminho.

Demarcado o silêncio como domínio feminino, restaram à mulher os desvios sinuosos, as fugas discretas. Não os espólios de um país conquistado, bandeira alta fincada no latifúndio, mas as pequenas pilhagens da herança negada. Em resposta, Eva rebelou-se fincando os caninos na carne adocicada do fruto. O sumo escorrendo pela língua até alcançar o fundo da garganta, devolvendo ao ventre o conhecimento do mundo.

Gostaria de me chamar Eva, e não mulher. Marcar, nas palavras, os meus dentes. Aprender a usar a linguagem dos homens, forçando seu molde incômodo ao formato dos corpos. Ao meu, ao deles. Explorar a zona cinzenta entre a fala e o ruído. Trapacear, usando a limitação das palavras para contar o silêncio. Trapacear, ao encolher os membros nos espaços públicos, para logo depois explodir os edifícios que cercam a praça central. Fazer da punição uma arma. Dentes no interdito. Sugar até o fim a seiva da língua.

Gostaria de me chamar Lygia Pape, e não mulher. Camuflar fios de metal em fachos de luz, apenas para ver o corpo do tirano se despedaçar entre os filamentos de cobre que cruzam o porão, as linhas metálicas adentrando a carne a cada

tentativa de aproximação. Responder à brutalidade da farda com a fúria das presas. Responder à imposição do silêncio com a força mesma que o silêncio tem.

No centro da fotografia em preto e branco, vejo uma mulher cuja língua rega a terra de sangue. Como regaram outras mulheres antes dela. E, por também chamar-me mulher, dou o meu quinhão.